

A vivência de algumas práticas morais no Ensino Fundamental I: pressupostos teóricos e práticos

Bruna Assem Sasso dos Santos
Patrícia Unger Raphael Bataglia

Como citar: SANTOS, Bruna Assem Sasso dos; BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael. A vivência de algumas práticas morais no Ensino Fundamental I: pressupostos teóricos e práticos. *In:* BENETTI, Eduardo Silva; BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael; LEPRE, Rita Melissa; LOPES, Lígia Serrano (org.). **Práticas Morais na Escola:** a Construção da Autonomia Moral. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p. 145-162.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-585-8.p145-162>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A vivência de algumas práticas morais no Ensino Fundamental I: pressupostos teóricos e práticos

*Bruna Assem Sasso dos SANTOS*¹

*Patrícia Unger Raphael BATAGLIA*²

1 INTRODUÇÃO

A Turma do Ventilador Quebrado (TVQ) foi uma turma de 5.º (quinto) Ano do Ensino Fundamental no ano de 2022, de uma escola municipal, que fica no interior do estado paulista, cujo município conta com um pouco mais de 37 mil habitantes e fica situado a 330 quilômetros da capital. Essa escola atende crianças, em média, de cinco a onze anos, dependendo da época do ano, no período diurno (manhã e tarde), em salas da primeira etapa do Ensino Fundamental, ou seja, do 1.º ao 5.º Anos.

No início do ano de 2022, na escola, no período da tarde, havia duas classes de 5.º Ano, com uma média de 12 alunos por turma, haja vista a quantidade de alunos público-alvo da Educação Especial (PAEE), isto é, estudantes com deficiência, transtornos e altas habilidades (Brasil, 2008), com necessidades educacionais especiais (NEE), e contavam, in-

¹ Pedagoga, Mestra e Doutora em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, da Univ. Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Câmpus de Marília. E-mail: bruna.sasso@unesp.br

² Psicóloga, Mestra e Doutora em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - USP. E-mail: patricia.bataglia@unesp.br

clusive, com o acompanhamento de professoras com especialização nessa área, as quais realizavam o acompanhamento auxiliar e diário em sala de aula às professoras tutoras e eram responsáveis pelos planos educacionais individualizados (PEI), considerando as especificidades desse público, em cada uma das duas turmas.

Dessa forma, a turma do 5.º Ano “D” da escola, na primeira semana de aula, era composta por uma professora tutora, que é uma das autoras do presente texto, bem como de uma auxiliar, professora da Educação Especial, e de 10 aprendizes matriculados, entre eles um aluno com deficiência intelectual (DI) - com baixo coeficiente acadêmico -, um aluno com transtorno do espectro autista (TEA) - nível 2 de suporte, e com hiperfoco em caixas de som e algumas tecnologias -, outro com suspeita de altas habilidades e superdotação, e ainda outros com queixas de desempenho abaixo do esperado ao nível escolar, desde os anos anteriores, em áreas específicas como Língua Portuguesa e Matemática.

Na segunda semana de aula com os alunos, mais um estudante com diagnósticos de Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Transtorno de Oposição Desafiante (TOD), integrou a turma. Assim como nas semanas seguintes, outras crianças foram se achegando, ou por querência própria de mudar de turma, ou por transferência *intra* ou intermunicipal, ou até mesmo pelo motivo mais desafiador do processo que ocorreu em meados do mês de março do mesmo: a necessidade de unir os dois 5.º Anos do período da tarde em uma única turma, com pouco mais de 20 estudantes, sendo 7 deles PAEE.

Agora, então, apostamos no grande potencial para abordar a heterogeneidade presente nas salas de aula e a importância de novas estratégias para fornecer equidade de condições para a aprendizagem a todos os alunos. O presente capítulo tem como objetivo abordar aspectos de algumas das práticas morais, de reflexividade e de deliberação, que se engendram nas explicações descritas por Puig (2004) e que puderam ser vivenciados com a TVQ no ano de 2022, para salientar a pertinência de tais ações para alcançar o desenvolvimento integral de sujeitos heterogêneos (com ou sem deficiências, transtornos e/ou altas habilidades) envolvidos no processo ensino-aprendizagem, isto é, uma formação que contemple todos como capazes de aprender e que visa não apenas as aquisições cognitivas, mas que, além disso, aborda

intencionalmente os aspectos moral e afetivo do desenvolvimento infantil, considerando tanto sua gênese e estruturação como suas especificidades (individuais e coletivas), e que também são coerentes com os pressupostos da teoria construtivista, os quais igualmente serviram de fundamentação para a organização da prática educacional agora apresentada, considerada como emancipadora e democrática, de maneira tal que proporcionou avanços no sentido da autonomia (intelectual e moral) das crianças.

Na verdade, a reflexão de que a experiência aqui apresentada se correlaciona às práticas morais retratadas por Puig, não foi *a priori* de suas execuções, mas decorrente do envolvimento da professora e uma das autoras nos encontros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Moral e Educação Integral (GEPPEI) da Unesp de Marília, que é coordenado pela outra autora que contribui com a análise teórica de tais práticas.

2 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE AS PRÁTICAS MORAIS

Segundo Puig (2004), uma prática moral caracteriza-se como um curso de acontecimentos em que participam vários indivíduos que interagem cooperativamente em procedimentos rotinizados e frequentes buscando a solução de problemas. Alguns aspectos importantes nessa definição: ação cooperativa, rotina e frequência.

A ação cooperativa implica que não há um único idealizador da tarefa e os demais membros do grupo agem como executores. A prática é constituída pelo grupo de modo solidário. Também é importante que não se trate de um acontecimento único, mas que frequente, com periodicidade variável e estabelecida pelo grupo e também que siga procedimentos que devem ser constantes.

Não temos a pretensão de abordar as práticas morais descritas por Puig (2004) de modo geral, mas abordaremos especificamente as práticas de reflexividade e de deliberação.

Assim, uma prática de reflexividade seria uma atividade de autoconhecimento e autocuidado. As práticas de reflexividade envolvem procedimentos como auto-observação, auto avaliação, auto exploração, que

resultam em uma maior consciência de si com o horizonte de construir um valor de autenticidade, sinceridade e auto realização. São alguns exemplos de práticas escolares de reflexividade: os trabalhos com a imagem corporal, a análise de mudanças físicas e atitudinais, confecção de textos autobiográficos, dentre outras.

As práticas de deliberação se referem à forma de resolução de problemas buscando o melhor modo de viver por meio de estratégias racionais. Quando há um problema ou alguma situação que precise de uma decisão coletiva, as práticas de deliberação como discussão, debate e clarificação de valores são as mais produtivas, na medida em que encaminham soluções de modo democrático e por serem assim, são respeitadas pelo grupo.

2.1 AFINAL, POR QUE TURMA DO VENTILADOR QUEBRADO?

O início do ano letivo se deu, ocorrendo nos dois primeiros dias letivos reuniões administrativas e o planejamento pedagógico e na primeira semana de aula com os estudantes, com o foco no acolhimento, primeiras apresentações e construção de laços entre as professoras e os aprendizes. A construção da identidade individual e coletiva é processual e precisa ser significativa para os envolvidos se sentirem pertencentes a um grupo (Devries; Zan, 2007).

Por isso, a professora tutora propôs, logo nos primeiros dias de aula, o levantamento de ideias dos alunos acerca do possível nome para a turma que pertenciam, o qual os caracterizaria e seguiria até o final do ano; e algumas sugestões surgiram, tais como: turma do ventilador quebrado, turma do barulho, turma do coração e turma dos inteligentes. No dia 14 de fevereiro, houve uma votação às cegas, entre os estudantes, para decidir o nome, e resultou no empate entre duas das possibilidades. Então, eles levaram para a coordenadora pedagógica da unidade escolar, para decidir, mas ela preferiu realizar um sorteio. Naquele instante, ficava definido que o nome da turma seria: “Turma do Ventilador Quebrado”.

Figura 1- identificação da sala da TVQ, realizada pelas crianças
(16/02/2022)



Fonte: Acervo pessoal.

Dias à frente, foi solicitado realizar com os alunos uma sondagem (ou produção de texto para investigação), não tendo nenhum tema pre-estabelecido pela Secretaria Municipal de Educação ou equipe gestora da unidade escolar. Assim sendo, sugere aos alunos que elaborassem um texto que apresentasse a TVQ a alguém que não conhecesse, nunca tivesse ouvido falar ou não soubesse sobre o que andaram fazendo por lá...

Figura 2 - Primeira produção individual de texto sobre a “nossa Turma do Ventilador Quebrado” (22/02/2022)

Nossa Turma do Ventilador Quebrado

NA NOSSA SALA É MUITO DIVERTIDA A É O MOTIVO
PRO NOSSO NOME "VENTILADOR QUEBRADO" É
A GENTE TAVA VENDO O NOME DA SALA E TINHA
VARIAS OPÇÃO E O GABRIÉU FALOU NA ZUEIRA
SALA DO VENTILADOR QUEBRADO E A GENTE GOSTOU DE
VERDADE E FOI O ESCOLHIDO A É O MOTIVO TAMBÉM
É QUE NOSSO VENTILADOR NÃO PEGA E A NOSSA
PROF É MUITO DAORA E A GENTE BOM PELO MENOS
EU NÉ O A GENTE APRENDEU MUTIPLICAÇÃO EM
UM JOGO MAS O JOGO AJUDOU A GENTE A APRE-
NDER E AS VEZES SAÍMOS PRA QUADRA PRA FAZER
O JOGO DA BOLINHA E A GENTE É MUITO É A PROF
QUANDO TEM TEMPO LE ESTORIA E É MUITO DIV-
-ERTIDO A É A GENTE VAI TER UM INSTAGRAM
E TEMOS NO MASCOTE O "JUNHIO" TODOS AMAMOS
ELE A É A GENTE FEZ UM ALFABETO PRO TERCEIR
ANO DE NOSSO E TEMOS NOSSO RELÓGIO NICK A
MAS PORQUE O NOME NICK A GENTE ESCREVEU PRO
TERCEIRO ANO ESCOLE O NOME DO NOSSO RELÓGIO
E O ESCOLHIDO FOI NICK E TEMOS NOSSO GRU-
-PO COM 3AOU PARTICIPANTES COM OS APPEIS DO
GRUPO "VOLUME" "TEMPO" "PORTAVOZ" "MATERIAL"
ESSES SÃO OS GUARDIÃO E ESSA É NOSSA ESCOLA TCHA

Fonte: Acervo pessoal.

TRANSCRIÇÃO COM ALGUNS AJUSTES PARA MELHOR COMPREENSÃO:

Nossa Turma do Ventilador Quebrado

Na nossa sala é muito divertida [divertido] a [ah!] e o motivo pro nosso nome “ventilador quebrado” é que a gente tava vendo o nome da sala e tinha varias opção [várias opções], e o Gabriéu [Gabriel] falou na zueira “sala do ventilador quebrado” e a gente gostou de verdade, e foi o escolhido. Ah, e o motivo também é que nosso ventilador não pega e a nossa prof é muito daora ♥ e a gente, bom pelo menos eu né, a gente aprendeu mutipli-

casão [multiplicação] em um jogo, mas o jogo ajudou a gente a aprender, e as vezes saímos para quadra [quadra] pra fazer o jogo da bolinha, e a gente rimuito [ri muito] e a prof quando tem tempo, le estoria [lê história] e é muito divertido, a [ah] e a gente fez um alfabeto pro terceiro ano de cedo, e temos nosso relógio [relógio] Nick. A gente escreveu pro terceiro ano escole [escolher] o nome do nosso relógio e o escolido [escolhido] foi Nick, e temos nosso grupo com 3 aou [e/ou] 4 participantes com os papeis do grupo “volume” - “tempo” - “portavoz” - “material” esses são os guardião [guardiões] e essa é nossa escola. Tchou.

2.1.1 DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS UTILIZADOS

Uma vez definido o nome da turma, ainda outras proposituras foram-lhes apresentadas, como o “ruidômetro”, a escolha de um nome para o mascote da turma (que era um cacto dançante de brinquedo, para desenvolver o senso de responsabilidade), a definição e a atribuição de papeis referentes à Aprendizagem Cooperativa (Morais *et al.*, 2021), o início do livro da vida da turma e o crachá para ida ao banheiro e beber água. Assim, a partir daquele dia, por exemplo, não precisavam mais solicitar às professoras autorização para irem ao banheiro e/ou beber água, desde que fizessem uso do crachá da turma que lhes outorgava (caso estivesse pendurado), ou não (se não estivesse, pois significava que alguém estava com ele fora da sala).

Figuras 3 e 4 - Crachás para somente um aluno sair por vez e desempenhar papéis nos grupos (09/02/2022)



Fonte: Acervo pessoal.

Pela primeira vez, após anos e anos de aprofundamentos e investigações sobre novas alternativas em educação, e de tentativas nos mais diversos níveis de atuação enquanto pedagoga, seria a primeira vez que uma das autoras efetivamente conseguiu vivenciar um sonho apenas vislumbrado há um pouco mais de uma década: por exemplo, a organização da grade curricular semanal, realizada pelos próprios estudantes (a qual ficará para

outra oportunidade de compartilhamento). Mas, entre as outras estratégias almeçadas e assumidas, apresentamos a seguir o ruidômetro, o livro da vida e as assembleias de classe como exemplos para, enfim, tecermos algumas reflexões sobre a vivência de práticas morais no Ensino Fundamental I.

2.1.2 O RUIDÔMETRO COMO FAVORECEDOR DA AUTORREGULAÇÃO

O ruidômetro (termômetro de ruído) é uma escala, com variação de 0 a 10, em que o nível:

- “zero”, significa silêncio;
- “um”, sussurro ou um nível bem baixinho;
- “dois”, nível baixo;
- “três”, um nível médio, um pouco mais elevado;
- “quatro”, um pouco mais alto;
- “cinco”, alto!

- Acima disso, cada vez mais intenso e *insuportável* para um ambiente agradável e confortável, até o limite que é o “dez”. Este, é comparável à uma verdadeira explosão! E não é desejado por ou para ninguém...

Não há a necessidade (e nem coerência), por exemplo, o professor solicitar silêncio o tempo todo, nas cinco horas de aula do dia, sem que os alunos possam trocar ideias (nem quando estão na mesa da merenda), e “apenas respirar, porque senão morre” como infelizmente já vimos e ouvimos em outros contextos...

É óbvio que, dependendo do momento e do espaço, existem os níveis mais apropriados entre o *zero* e o *cinco*. Assim como “conversar em nível de ruído 2”, após a realização de certa atividade individual (tal qual a do cabeçalho, como era a realidade diária de nossa rotina), ou no momento de trocar pontos de vista dentro dos grupos de trabalho, ou ainda em nível 3, durante o recreio. Realizar uma leitura compartilhada para a sala toda, em nível 4 ou 5, e ouvir a explicação da professora em “nível de ruído 0”, ou enquanto ainda realiza o registro de algo importante ou coisa assim.

TRANSCRIÇÃO:

“Hoje começamos a aula calma mas... Logico que o J. tava fazendo bagunça e falando auto fizemos o cabesario com letra de imprensa e a prof nos explico oque significa palindromo e ambigrama só que quando alguem ia ler a losa que a prof pidiu falaram algo e a prof Bruna iper mega legal foir embora e a prof Bruna chata chegou ela gritou TÃO MAIS TÃO BRAVA NEM BRAVA ELA FICOU IRADA que certo alguem quase chorou e depois da prof Bruna perder a voz de tanto gritar a prof de educação fisica chegou e fomos com o outro 5º ano voltamos fomos pro recreio comemos voltamos a prof cantou uma musica que eu gostei até mas... J. riu da musica que é para o 1º ano e prof iper mega legal foi embora de novo e fez o maior estrondo na escola inteira e ficam 30 minutos ouvindo gritos da prof”.

Elencamos como importante apontar que a prática da estratégia com o “Livro da vida” não teve como objetivo a correção ou até mesmo o trabalho das regras gramaticais, sintáticas ou semânticas, quer seja para os conteúdos da Língua Portuguesa, elencados para a correção textual dos estudantes em suas produções diárias, quer seja para estabelecer punições por suas expressões ou exposições contrárias às dos adultos. Pelo contrário! Desenvolver um ambiente no qual os aprendizes se sentissem seguros e confortáveis para se opor e até mesmo criticar, inclusive a postura da professora...

2.1.4 AS ASSEMBLEIAS DE CLASSE COMO LOCAL DE VOZ, ESCUTA E RESPONSABILIDADES

A realização de assembleias escolares (Tognetta; Vinha, 2007) é algo que sempre fascinou a primeira autora, desde a sua formação inicial e o envolvimento com novas alternativas em educação, no segundo ano de graduação em Pedagogia, quando cursou disciplinas que abordaram temas como: administração escolar, gestão cooperativa, autonomia dos estudantes, etc. Porém, como propor isso na prática? E mais desafiador: como

iniciar um trabalho nesse sentido sem precedentes e em uma escola tipicamente tradicional, que preza pela transmissão de conteúdos e o respeito unilateral à figura de autoridade do professor?

Mais especificamente durante o seu doutorado em Educação, quando se envolveu com realidades que, de forma clara e verdadeira, desenvolviam a esmerada prática de assembleias, foi a partir do ano de 2019 que começou a vivenciar experiências deleitosas neste sentido, tanto acompanhando a constituição do Grêmio Estudantil em uma escola municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF), situada na zona rural de uma outra cidade do interior do estado de São Paulo, como colhendo os dados empíricos nas duas escolas (uma na capital paulista e outra a 70 quilômetros da mesma capital) denominadas e reconhecidas como democráticas, que foram alvo de sua pesquisa (Sasso, 2022).

Chegou o momento, mais uma vez, embora de forma diferente, de experimentar a democracia dentro da realidade da TVQ: com a vivência de assembleias de classe, enfim!

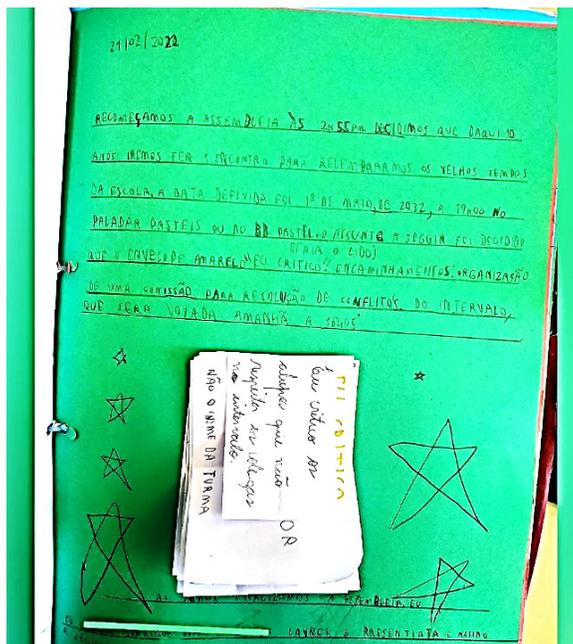
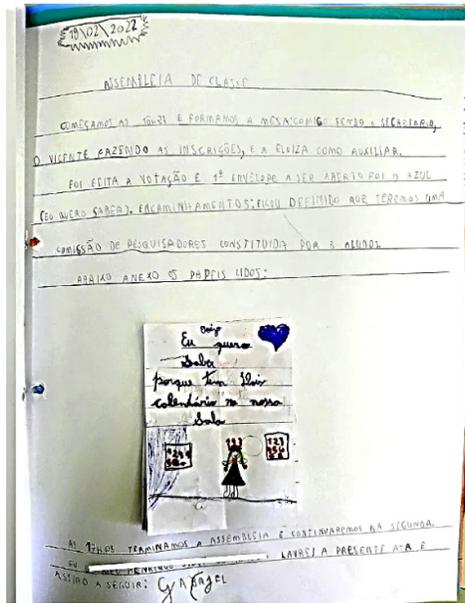
Figura 6 - Segunda assembleia de classe da TVQ (21/02/2022)



Fonte: Acervo pessoal.

Práticas morais na escola:
a construção da autonomia moral

Figuras 7 e 8 - Ata da primeira assembleia de classe da TVQ.



Fonte: Acervo pessoal.

TRANSCRIÇÃO DO TEXTO DA IMAGEM 6:

“18\02\2022

Assembleia de classe

Começamos as 16h35 e formamos a mesa: comigo sendo o secretário, o V. fazendo as inscrições, e a E. como auxiliar.

Foi feita a votação e o 1.º envelope a ser aberto foi o azul (eu quero saber). Encaminhamentos: ficou definido que teremos uma comissão de pesquisadores constituída por 3 alunos.

Abaixo anexo os papéis lidos:

[início do texto do papel anexo]

E.

Eu quero saber porque tem Dois calendário na nossa sala

[fim do texto do papel anexo]

As 17h05 terminamos a assembleia e continuaremos da segunda. Eu ----- lavrei a presente ata e assino a seguir: (assinatura)”

TRANSCRIÇÃO DO TEXTO DA IMAGEM 7:

“21|02|2022

Recomeçamos a assembleia às 2:55pm. Decidimos que daqui 10 anos iremos ter encontro para relembrarmos os velhos tempos da escola. A data definida foi 1º de maio, de 2032, a 19h00 no P. P. ou no BB P. O assunto a seguir foi decidido que o envelope amarelo “eu crítico” (seria o lido). Encaminhamentos: organização de uma comissão para resolução de conflitos. Do intervalo, que sera votada amanhã a 16h05.

[início do texto do papel anexo]

Eu critico os alunos que não respeita os colegas no intervalo.

[fim do texto do papel anexo]

[início do texto do papel anexado abaixo]

Eu critico o ventilador quebrado não o nome da turma

[fim do texto do papel anexo abaixo]

As 15h25 finalizamos a assembleia. Eu ----- lavrei a presente ata e assino a seguir: (assinatura)”.

3 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A VIVÊNCIA DE PRÁTICAS MORAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL I

A partir das vivências apresentadas, fora-nos possível contemplar avanços tanto no estabelecimento de relações respeitosa entre iguais, e entre eles e os adultos, ou no quesito da autonomia moral ou cognitiva (no respeito às regras e/ou nas conceitualizações das crianças, em suas produções escritas, por exemplo).

A atividade de escolha do nome da turma foi uma prática deliberativa que envolveu a elaboração de propostas, a escuta do outro e a decisão coletiva por meio do voto.

O ruidômetro é uma atividade de reflexividade na medida em que promove a autorreflexão, a consciência de si mesmo e a autorregulação em relação a uma necessidade pessoal e também do grupo.

O Livro da Vida, como um espaço seguro e livre para relatos das atividades do indivíduo e do grupo podem ser vistos como prática de reflexividade. O produto material expressa a autoconsciência e consciência do funcionamento do grupo, reconhecimento do outro e por não haver crítica negativa sobre o material produzido vemos a sinceridade e a transparência fundamentadas na confiança construída entre os membros.

As assembleias de classe são classicamente sabidas como prática de deliberação e nessa experiência foi admirável como o grupo se apropriou das rotinas e das estratégias para decidirem sobre os assuntos que lhes cabia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos aqui apresentar um relato de experiência docente no Ensino Fundamental I, com o objetivo de abordar aspectos de algumas das práticas morais, de reflexividade e de deliberação descritas por Puig (2004).

Até o mês de março de 2022, a TVQ contou com a atuação, além da professora tutora, de duas professoras da Educação Especial como auxiliares, sendo que, a partir do mês de abril, uma destas precisou ser remanejada para outra turma, a fim de cobrir a falta de mão de obra para atuação com um aluno com TEA -nível 3 de suporte-, do 2.º Ano. Outrossim e, indubitavelmente, citamos como imprescindível o apoio e a segurança encontrados na equipe gestora, sobretudo na figura desempenhada pela coordenadora pedagógica da instituição que, com muita paciência e empatia, sempre acolheu e possibilitou a realização das propostas de trabalho que foram inovadoras naquela realidade escolar até então.

No mês de junho, os educandos organizaram a exposição de seus poemas concretos autorais, com direito à visita dos alunos do 4.º Ano da tarde, sessão de perguntas e tudo mais. Logo mais iniciaram os ensaios para a festa junina, na qual também ocorreu envolvimento ativo dos estudantes em toda a sua organização. No mês subsequente, houve o tradicional período de recesso escolar e após o retorno, no mês de agosto, a notícia que abalaria todo o andamento do trabalho desenvolvido até ali, até mesmo referente à organização do grêmio estudantil.

No final do referido mês de agosto, a professora tutora recebeu a aprovação em um concurso de provas e títulos para lecionar, pela primeira vez, no ensino superior, a saber, na Unesp de Marília; e precisou, para tanto, dar a notícia mais dolorosa até ali, aos pequeninos.

As diferentes estratégias necessárias para possibilitar que todos os alunos, inclusive os estudantes PAEE, participassem integralmente das oportunidades educacionais e com resultados favoráveis, tanto a Aprendizagem Cooperativa como estratégias voltadas para uma Educação Democrática, em que os educandos atuavam ativamente em seus processos de aprendizagem, apresentaram-se como possibilidades metodológicas fecundas para o trabalho do pedagogo, atuante em classe regular com estudantes com deficiência, transtornos e altas habilidades/superdotação, principalmente na intencionalidade do trabalho docente para com o desenvolvimento moral infantil. Na Educação, é necessário aos educadores realizar escolhas, assumir os riscos de cada uma delas, retomar (se preciso for), avançar ou interromper, quando julgar importante; abrir ou fechar brechas, e, assim, ir construindo suas práticas pedagógicas, pautadas em princípios e normas que regerão a realidade, de maneira planejada, consciente, estruturada e política.

O anseio é que os exemplos recortados desse esforço por uma prática indissociável com a teoria elencada, sirvam de inspiração para outras muitas que ocorreram, ocorrem ou ocorrerão. Que consideram o ensino e a aprendizagem partindo do interesse, da necessidade e de situações significativas daqueles que são o foco de todo o processo: as crianças! Experimentando, dia após dia, o que é, realmente, ser protagonistas de suas trajetórias.

Acreditamos que, se oferecemos possibilidades para o relato, a discussão (no sentido de troca de pontos de vista), e a reflexão sobre as ações realizadas, aproximar-nos-emos do objetivo tão popularmente disseminado: uma convivência mais ética, justa, harmoniosa e embasada no respeito e no amor.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2008.

DEVRIES, R.; ZAN, B. **A Ética na Educação Infantil**: o ambiente sociomoral na escola. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

MORAIS, A. de. *et al.* (org.). **Aprendizagem cooperativa**: fundamentos, pesquisas e experiências educacionais brasileiras. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.

PUIG, J. M. **Práticas morais**: uma abordagem sociocultural de educação moral. São Paulo: Moderna, 2004.

SASSO, B. A. **Aquisição da escrita alfabética em escolas democráticas**: implicações epistemológicas e educacionais. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022.

TOGNETTA, L. R. P; VINHA, T. P. **Quando a escola é democrática**: um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2007.